

EDITORIAL

Saberes e estratégias de resistências em tempos de pandemia: pedagogias da luta

O atual contexto histórico global, fruto da crise sanitária desencadeada pela pandemia do coronavírus, tem exposto uma profunda crise política, econômica, ambiental, ética e, portanto, civilizatória em que está mergulhada a humanidade.

Nesse sentido, com o intuito de compreender o contexto, já no início de 2020, foram organizadas, por mim, duas edições do curso de extensão "Saberes e resistências em tempos de pandemia", em formato remoto, pelo canal "Saberes e resistências", no YouTube, e institucionalizadas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, que aconteceram, respectivamente, entre os dias 04 e 08 de maio, e no período de 29 de junho a 03 de julho de 2020.

Acerca da primeira edição, que contou com mais de 300 pessoas inscritas oriundas de todas as regiões do Brasil e de outros países, participaram, como ministrantes, Cacique Luiz Katu (Comunidade indígena Katu – Rio Grande do Norte), Celso Sánchez (UNIRIO), Marcos Francisco Martins (UFSCar), Mariana Yante (UFPE/Shangai Jiao Tong University), Maria Paula Meneses (CES/Universidade de Coimbra), Bárbara Carine Soares Pinheiro (UFBA), Alice Alexandre Pagan (UFMT), Rodolfo Finatti (UFRN), Suzani Cassiani (UFSC) e Irlan von Linsingen (UFSC).

Na segunda edição, que contou com mais de 1500 pessoas inscritas oriundas de todas as regiões do Brasil e de outros países, contamos com a participação de Larissa Mies Bombardi (USP), Rute Costa (UFRJ), Aglailton F. Barbosa (MST), Michele Sato (UFMT), Bruno A. P. Monteiro (UFRJ), Vera Rodrigues (UNILAB), Ana Gretel Echazú (UFRN), Tayse Campos (Comunidade Indígena do Amarelão - Rio Grande do Norte), Alexandre Medeiros (UFERSA) e Luiz Carlos de Freitas (UNICAMP).

Essas participações e discussões nos levaram à ideia de organizar o presente dossiê, composto por textos de alguns ministrantes do curso, bem como por artigos de outros convidados, que discutem sobre a educação ambiental.

Assim, como forma de se pensar na atual conjuntura e, conseqüentemente, fornecer elementos para construir um outro tipo de futuro que esteja sintonizado com pautas populares, críticas e humanitárias, o presente dossiê visa apresentar estudos, discussões e reflexões acerca dos saberes e estratégias de resistências construídas nos contextos de luta pela vida e dignidade social ligadas às experiências de educação emancipadora e, sobretudo, comprometidas com a construção de um outro mundo possível.

O dossiê proposto tem como objetivo publicar relatos de experiências, pesquisas, reflexões teóricas e práticas sobre saberes e estratégias de resistências que se constituem como práticas educativas emergentes e que se desenvolvem nos contextos de lutas pela vida, terra, moradia, ambiente, saúde, alimentação, entre outras, conforme detalhado abaixo.

O primeiro trabalho, relacionado à aula intitulada "Educação para as relações étnico-raciais e o racismo científico em tempos de Covid-19", advinda do artigo de mesmo nome, ministrada na primeira edição do curso de extensão "Saberes e resistências em tempos de pandemia", Bárbara Carine Soares Pinheiro aborda sobre o racismo científico dentro de uma perspectiva histórica, desde a sua gênese no contexto da ciência moderna europeia, expondo os fundamentos ontológicos da racialização como um mito da modernidade para a construção do ser a partir do outro enquanto não ser, bem como apresentando exemplos do quanto a comunidade negra foi violada por essa lógica até o abandono e a leviandade projetada sobre esses corpos no contexto da pandemia de COVID-19.

Também, como fruto da aula "O que o feminino tem a ensinar para a ciência e o contexto pandêmico", ministrada na primeira edição do curso de extensão, apontado anteriormente, Alice Alexandre Pagan, no artigo "Um olhar do feminino sobre a natureza: pensando a pandemia de COVID-19", buscou refletir sobre os papéis da ciência e do ensino de ciências no contexto pandêmico desde uma perspectiva do feminino-transfeminista, destacando no texto a ideia de que precisamos estar conscientes de que teremos um mundo muito diferente daquele que tínhamos quando começamos a vislumbrar os primeiros dados dessa pandemia.

Ainda como resultado das reflexões apresentadas na primeira edição do curso de extensão por meio da aula intitulada "Pensando a educação em tempos de pandemia", Marcos Francisco Martins, no artigo "Reflexões teórico-metodológicas e conjunturais sobre a educação na pandemia", faz uma discussão baseada em pesquisa bibliográfica e documental, buscando saber quais foram os impactos causados pela pandemia na educação, assumindo o materialismo histórico-dialético como guia teórico-metodológico.

Como parte da segunda edição do curso, Ana Gretel Echazú Böschemeier e Tayse Campos ministraram a aula "Feminismos do Sul e a experiência das Mulheres Indígenas Mendonça do Amarelão", o que resultou no texto "Mulheres catadoras do Rio Grande do Norte e mulheres indígenas do Ceará: pedagogias de luta e olhares em diálogo pela descolonização do cuidado", da primeira autora supracitada, juntamente com Karlla Christine Araújo Souza, Jocyele Ferreira

Marinheiro e Maria Luísa Medeiros de Macêdo. Dessa forma, o artigo apresenta uma reflexão vinculada à teorização sobre o cuidado e os direitos da natureza no marco do acompanhamento de dinâmicas de enfrentamento à COVID-19 por parte de mulheres e lideranças de dois grupos sociais específicos: mulheres indígenas da Serra das Matas, no Ceará, e mulheres catadoras da Associação Reciclando para a Vida, de Mossoró, Rio Grande do Norte.

Inserido ainda na discussão relacionada à pandemia do SARS-CoV-2, no texto "O olhar da comunidade sobre o papel da universidade pública no enfrentamento da pandemia", Marcius Vinicius Borges Silva, Luíza Melo de Aguiar Lira e Bruno Andrade Pinto Monteiro dissertam sobre um curso de extensão on-line que buscou viabilizar o diálogo e a troca de saberes entre a sociedade e a universidade, superando o discurso da hegemonia acadêmica, substituindo-o pela aliança com movimentos e organizações sociais. No trabalho, analisando as respostas dos cursistas frente ao preenchimento de formulários, concluiu-se sobre a importância de encarar o verbo esperar como um imperativo e não como uma forma de se conformar, mas sim de resistir e tentar buscar soluções de forma conjunta.

Em "Mulheres, mães e professoras: vivências e dilemas com o ensino remoto emergencial", Raiany Priscila Paiva Medeiros Nonato, Maria Juliana do Nascimento, Maria Jocelma Duarte de Lima, Francisca Elizonete de Souza Lima e Cicero Nilton Moreira da Silva buscaram investigar os impactos decorrentes do ensino remoto emergencial na vida de mães professoras da rede pública de ensino. Com isso, as autoras e o autor concluíram que as mulheres têm sido fortemente impactadas pela pandemia diante da diversidade de responsabilidades cotidianas que recaem sobre elas, tanto na vida profissional, quanto no que se refere ao papel de mães e de "donas de casa".

Com um enfoque maior na educação ambiental, em "Educação Ambiental e Ensino de Ciências: reflexões e proposição baseadas na literatura infantil", Thaís da Salete Gomes da Silva, Samuel Penteado Urban e Ana Lidia Penteado Urban, objetivam analisar as obras "O boitatá e os boitatinhas" e "Rã de três olhos", visando refletir sobre as possibilidades de uso dessas obras junto ao Ensino de Ciências, em especial junto à Educação Ambiental. Reflexões estas resultantes do projeto de ensino "Literatura Infantil e Educação Ambiental: pensando os ensinamentos de geografia e ciências" e do "Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur – GEASur/UERN", ambos institucionalizados na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

No artigo seguinte, intitulado "Saberes ambientais de uma vida no campo: diálogos entre a memória biocultural de agricultores familiares e o ensino de ciências", Júlia Kuse Taboada e Marilisa Bialvo Hoffmann levantam informações acerca das práticas culturais, conhecimentos tradicionais e saberes socioambientais de agricultores familiares no município de Glorinha-RS, identificando pontos de diálogo com o ensino de Ciências a partir do conceito de Memória Biocultural. Nisso, as autoras chegam à conclusão de que o (re) conhecimento da Memória biocultural dos agricultores familiares e de outros povos do campo, a partir do ensino de ciências, contribui para que não se aprofunde o processo de esquecimento dos saberes ecológicos e práticas ancestrais e

tradicionais que constituíram historicamente os territórios.

No texto "Do banco da canoa: fontes orais como possibilidades para formação docente em contato com a Mata Atlântica", Rafael Costa e Juliane Pereira discutem sobre a importância do contato com os povos da Mata Atlântica para a formação docente, questionando a fragmentação do conhecimento e o olhar científico supostamente neutro e hierárquico. Nisso, o autor e a autora estabelecem um exercício de escuta com um pescador, buscando compreender os seus conhecimentos sobre os ecossistemas localizados no entorno do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba.

Em seguida, Thais Guedes Guida e Patrícia Barbosa Pereira, no texto "Paisagens sonoras: possibilidades para uma educação ambiental a partir da escuta", buscam, por meio de reflexões teóricas, estabelecer relações entre paisagens sonoras e educação ambiental na perspectiva crítica, tendo a escuta como ponto central dessa relação, tanto no que se refere ao meio ambiente, quanto aos sujeitos. À vista disso, as autoras concluem que as paisagens sonoras contribuem para a tomada de consciência da realidade socioambiental e, por conseguinte, na proposição de ações para uma sociedade mais justa e sustentável.

Por fim, no texto "Amílcar Cabral, o pedagogo da revolução", Marcelo da Silva e Suzani Cassiani apontam como Amílcar Cabral inspirou Paulo Freire em estudos sobre o continente africano, no período que participou de projetos de alfabetização no continente para a educação dos povos subalternizados. Com isso, o autor e a autora pretenderam trazer contribuições, tanto ao explicitar que a herança colonial ainda está presente pelos efeitos de colonialidade, bem como alguns enfrentamentos possíveis na luta anticolonial, olhando o passado, para compreender o tempo presente.

Logo, diante dos 11 textos apresentados acima, pretendemos provocar reflexões no campo da educação sobre as suas bases epistemológicas e sobre novas possibilidades pedagógicas emergentes que se desenvolvem no enfrentamento dos desafios contemporâneos e futuros, especialmente no âmbito das fronteiras culturais, éticas, ambientais e políticas, que naturalmente envolvem os processos de produção de conhecimento.

Prof. Dr. Samuel Penteado Urban
Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
Organizador do dossiê